

**Disciplina:** FLC0112 – Introdução aos Estudos Clássicos I

**Docente Responsável:** Eduardo Henrik Aubert

## AULA 1

### O assédio do presente: sobre a revolução cultural em curso

Mas por que, no final das contas, não seguir a corrente? Por que continuar a defender um modelo cultural tão claramente pouco alinhado com os tempos atuais, que ameaça produzir seres humanos sempre menos alinhados com os tempos atuais? Por que obstinar-se em falar mal de um sistema midiático que, afinal de contas, é tão cômodo, divertido e democrático? Por que não aceitar que as novas artes tomem o lugar das antigas, se isso agrada à imensa maioria das pessoas? Um líder da esquerda italiana disse uma vez que tinha um fraco pela filosofia taoísta: não agir, deixar que as coisas sigam seu curso. Por que não se fiar, também na esfera da instrução e da aquisição da cultura, na antiga sabedoria do taoísmo?

A resposta é que, em uma sociedade evoluída, deve haver lugar para mais de um projeto a respeito de como se devam desenvolver o espírito e a existência dos indivíduos. Mais de um projeto quer dizer não apenas aquele projeto que, correndo seu próprio curso, o andar das coisas acabaria por impor a todos, por bem ou por mal. Agrada amiúde aos liberais citar a máxima de Mill segundo a qual a única coisa com que o Estado deveria se preocupar seria que os indivíduos pudessem crescer livremente “na mais rica diversidade”, cada um segundo seus talentos e suas aspirações. Mas passam por cima do fato de que tal máxima exprime a necessidade da ação, e não da inação, da intervenção, e não da abstenção: o contrário do *laissez-faire* que esperam para si. No mundo pré-midiático, a aquisição da cultura era uma perda de tempo para quem não estava destinado a usar a cultura no curso de sua existência, para quem vivia na solidão dos campos e dos vilarejos ou em bairros-cidades ainda fechados ao mundo externo. Um camponês ou um artesão não precisava saber muito mais do que aquilo que servia para fazer o seu trabalho, e ele adquiria esses conhecimentos pela experiência ou pela viva voz de um mestre. Na civilização do consumo e das mídias, essas boas vidas isoladas, pré-culturais, não são mais possíveis: “a solidão, a própria condição que sustentava o indivíduo contra sua sociedade e para além dela, tornou-se tecnicamente impossível”.<sup>1</sup> A vida simples sofre hoje a concorrência de modelos e valores que as mídias impõem com tal violência, que põe abaixo toda barreira: é o tema do genocídio que está no centro dos últimos ensaios de Pasolini. Nessa situação, a cultura fundada nas artes liberais pode não ser um instrumento de conquista – no sentido em que o é, por sua vez, a razão tecnológica –, mas certamente é o melhor instrumento de defesa. Hoje as pessoas devem continuamente *reagir* não apenas, como outrora, às circunstâncias da vida concreta (nascimentos, mortes, trabalho, afetos), mas às imagens e às palavras que, por mais distantes que sejam de sua experiência real, as mídias as constroem a ver e a escutar. A cultura fundada nas artes liberais diz como e em nome de quem reagir. Isso não quer dizer que sua promessa seja de serenidade. Não é verdade que, como escreve Elliot, “o propósito da educação” consista em “tornar as pessoas mais felizes”.<sup>2</sup> Isso se assemelha, se muito, ao propósito e aos efeitos esperados da educação religiosa ou da terapia psicanalítica. A cultura fundada nas artes liberais não oferece atalhos: não ensina a felicidade, mas – ao preço de um longo esforço – uma certa distância das coisas, uma hierarquia.

Porém, defender a instrução como uma via para a salvação pessoal é uma batalha que se está perdendo. Admitindo que seja verdade, por qual motivo, afinal de contas, a sociedade deveria intervir e proteger esses projetos privados de crescimento? Por que não os deveria abandonar às livres decisões dos indivíduos, abstendo-se de toda ingerência assim como se abstém em matéria

---

<sup>1</sup> H. Marcuse, *L'uomo a una dimensione*, Torino, Einaudi, 1967, p. 90.

<sup>2</sup> Eliot. *Notes towards the Definition*, cit., p. 99.

de cultos e de práticas terapêuticas? A esse questionamento – que então não mais concerne aos indivíduos singularmente considerados e suas escolhas pessoais, mas às orientações que decidimos dar à nossa sociedade, o modelo de civilização que temos em mente –, é necessário responder que uma boa formação cultural não representa apenas uma via para a construção de uma identidade moral e intelectual. Em rigor, isso não diz respeito à esfera pública. O que lhe concerne, e trabalha em seu interesse, é que os seus membros sejam educados para as virtudes cívicas e para uma ideia forte de comunidade. Pelas razões que expliquei no primeiro capítulo, é ilusório pensar que esse tipo de educação possa passar por duas instituições assediadas como a igreja e a família. Do mesmo modo, a redução da política a simples administração dos negócios correntes leva a excluir que a ideologia possa ainda ter, como outrora teve, qualquer papel na formação das consciências. Ademais, são agora os próprios mecanismos da sociedade que geram e reforçam paixões e comportamentos antissociais. A máquina da produção e do consumo voluptuários – cada vez mais semelhante ao *conspicuous consumption* descrito pelos antropólogos – funciona valendo-se dos vícios e das fraquezas dos seres humanos: a inveja, a ânsia, o medo do rebaixamento e do anonimato. É difícil que homens tão aterrorizados estejam dispostos a reconhecer a importância dos laços de cidadania e das responsabilidades sociais. E é difícil que uma elite de advogados, economistas e informaticistas possa prezar muito valores como esses. Com efeito, o declínio, que todos percebemos, das virtudes cívicas e do ideal comunitário caminha *pari passu* com o triunfo da razão instrumental: aquela que o falso liberalismo moderno põe no lugar da razão *tout court*. Se esta não é sopesada adequadamente por aquele saber desinteressado que se encontra sobretudo nas ciências especulativas e nas disciplinas humanísticas, as consequências não são graves apenas para os indivíduos, não são apenas os espíritos dos indivíduos que se tornam mais miseráveis, mas a própria vida da comunidade.

Os espaços em que esse saber se transmite são sobretudo a escola e a universidade. Que as classes privilegiadas se desinteressem dele não pode surpreender demais. Elas vivem hoje, e viverão cada vez mais no futuro, em uma espécie de não-lugar, em que o rumor da realidade chega, se é que chega, como um eco distante. A uma tal altura, a ideia da fidelidade, da solicitude pelas instituições nacionais, sobretudo públicas, não pode senão soar como um paradoxo. Que sentido pode ter investir na escola italiana (ou na saúde, no meio-ambiente, etc.) quando os *colleges* ou as universidades suíças, inglesas, americanas, são tão melhores? Pode, contudo, parecer estranho que mostrem a mesma indiferença os demais, isto é, todos aqueles que não participam desse mercado global nem como adquirentes nem como vendedores. Porém, aqui, melhor do que alhures, a lição das mídias foi bem aprendida. O sucesso e a fama parecem tão ligados ao acaso, tão independentes do mérito real das pessoas, que a instrução formal aparece como coisa supérflua. É a mesma moral do jogo da loteria: depositar a esperança na sorte em vez de trabalhar – e predicada às mesmas vítimas, aos mesmos indivíduos fadados ao milagre ou ao fracasso. E, enfim, é decididamente estranho, e deplorável, que os próprios intelectuais pareçam não se dar conta da delicadeza do momento: esse momento de passagem de uma cultura prevalentemente escrita a uma cultura prevalentemente visual. Quem se depara todos os dias, na escola, com os problemas da instrução e teria vontade e ideia para resolvê-las, não tem voz; e quem as tem – na universidade, nas mídias, nas instituições – não se preocupa com essas misérias. Ao revés, é exatamente nessa batalha que os intelectuais deveriam se empenhar, depois de ter vencido cabalmente a batalha da liberdade. O problema é que, distintamente da *Blitzkrieg* pela liberdade (por *esta* liberdade), se trataria de uma batalha longa e lenta, tal como longo e lento é o crescimento das civilizações, e que deveria ser lutada com vistas a um resultado do qual muitos de nós não gozaremos. E é difícil que uma ideia como essa possa agradar a uma elite que parece ter perdido, juntamente com a confiança, todo interesse pelo futuro.

(Claudio GIUNTA. *L'assedio del presente: sulla rivoluzione culturale in corso*. Bologna: Il Mulino, 2008, p. 141-144.)